

Um bom começo

No alvorecer da campanha do segundo turno impõe-se um apelo aos políticos e aos candidatos em particular: ajudem o Brasil a despir-se dos seus vícios abstendo-se de formular alianças fisiológicas. O País precisa de fato começar de novo e nada melhor para o recomeço do que dar consistência prática aos discursos dos candidatos que preconizaram a lisura ética como base da reconstrução nacional.

O fisiologismo é o cenário psicológico da corrupção. Quando alianças interpartidárias são feitas com base na distribuição de cargos ou de favores — com perda das identidades políticas e programáticas — ter-se-á dado um passo seguro para a permissividade, a negligência com o interesse público e a corrupção. Se o processo de conquista do poder permite alianças não doutrinárias, passando a constituir um fim em si mesmo, ele perde, já de saída, o compromisso ético. A partir daí, tudo será possível.

O Brasil precisa consolidar sua estrutura partidária, porque não há outro caminho para o exercício saudável da política. Estruturas partidárias, por sua vez, não são possíveis onde há corrupção, porque esta dilui a identidade dos partidos, fazendo-a subordinar-se a outros interesses. Enquanto for assim no Brasil, sequer poderemos falar em parlamentarismo, um regime de Governo que pressupõe adesões programáticas firmes e, em consequência, partidos identificáveis e fortes.

Consideramos a corrupção o principal problema do País. Não tanto pelo volume dos recursos públicos que, diretamente ela carrega para bolsos particulares. Mas por todos os seus demais efeitos. O efeito de comprometer a racionalidade do processo de decisão, afetando o interesse público; o efeito de disseminar na população atitude negativa face ao imposto; o efeito de desestabilizar o princípio da autoridade, tornando fluida e frágil a estrutura legal e jurídica; o efeito de indispor a população com o Governo, tornando-o ineficaz. Enfim, a corrupção está na raiz de quase todos os problemas que o País enfrenta no momento.

E a corrupção começa nas alianças partidárias, quando concretizadas com base em razões que o senso comum não entende. Como é possível a um partido de direita apoiar um candidato de esquerda, ou o inverso? Isto destrói todo o discurso do partido e do candidato e os deixa vulneráveis ante a opinião pública. É claro — esta é uma dedução evidente — que, neste caso, outros interesses foram contemplados.

Os candidatos dariam belo exemplo ao País se, nesta hora, se mantivessem fiéis aos seus discursos. É uma excelente forma de redirecionar o Brasil, a cultura política brasileira e motivar de novo, para fins eticamente saudáveis, a formidável consciência política que estas eleições começaram a despertar.